

# } 2.3.

## O discernimento inaciano: *pondus* hermenêutico do pontificado de Francisco

ALEXANDRE FREIRE DUARTE\*

**Resumo:** Face à proliferação, certamente compreensível, de tentativas, geralmente equivocadas e por diversos motivos nem sempre honestos, de apreciações, interpretações e explicações das (aparentes) coerências e (aparentes) incoerências manifestadas no decurso do pontificado do Papa Francisco, este artigo visa ser uma ajuda para se compreender uma parte substancial da rede espiritual fundamental que norteia tal pontificado. A saber: o discernimento inaciano. Nesse sentido, o texto abordará em pontos sucessivos: a importância do discernimento para os nossos dias; a definição de discernimento; a experiência fundacional de Inácio de Loyola; o significado da “consolação” e da “desolação” espiritual; a falsa consolação; a consolação sem causa precedente e, por fim, a eleição.

**Palavras-chave:** Papa Francisco; discernimento espiritual; Inácio de Loyola; *Exercícios Espirituais*.

\* Doutor em Teologia pela Universidad Pontificia Comillas | Madrid. Especialista em Teologia Espiritual e Mística. Docente nestas áreas, bem como nas da História e Teologia da Igreja Antiga, na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa e no Centro de Cultura Católica do Porto. Membro integrado do CEHR-FT. Endereço de correio eletrónico: [afduarte@porto.ucp.pt](mailto:afduarte@porto.ucp.pt).

**Abstract:** Given the, certainly comprehensible, proliferation of attempts, often mistaken due to several reasons not always honest or well-informed, to assess, interpret and explain the (apparent) coherences and (apparent) inconsistencies manifested during the pontificate of Pope Francis, this article is intended to be an aid to understand a substantial part of the fundamental spiritual network that guides this pontificate. Namely: Ignatian discernment. In this sense, the text will address in successive sections: the importance of discernment for our days; the definition of discernment; the foundational experience of Ignatius of Loyola; the meaning of spiritual "consolation" and "desolation"; the false consolation; the consolation without a preceding cause, and, finally, the election.

**Keywords:** Pope Francis; spiritual discernment; Ignatius of Loyola; "Spiritual Exercises"

«Discernment is a function of a loving, personal relationship to the Lord.»

Thomas Green, *Weeds Among the Wheat*

## Introdução

Se há uma realidade que, dentro do cenário mais alargado da fé cristã católica, pode ser considerada o *pondus* de compreensão do bispado romano de Jorge Mario Bergoglio é o do discernimento inaciano. Com efeito, não é possível compreender as suas atitudes, posições, decisões e, geralmente, palavras, sem se saber do que se trata aquele discernimento. Nesse sentido, não deixa de ser extraordinário constatar as inúmeras opiniões e apreciações totalmente descabidas acerca de Francisco, que resultam tão-somente do desconhecimento, não só da importância que, como jesuíta que é, o discernimento inaciano possui para a sua própria estrutura pessoal, como da natureza desse mesmo discernimento.

Para quem conhece minimamente tal temática, tudo isso assume contornos profundamente confrangedores. Mais: por vezes, tais contornos adquirem perfis aflitivos, em particular quando são veiculados por pessoas tidas como "pilares" da retidão jornalística cristã e católica. Se quem é católico interpreta tão mal o agir de Francisco, e não o explica retamente, que se poderá então esperar de quem não o é?

Não se pense, por favor, que possuímos a ilusão de que este texto irá mudar essa realidade. Não. Mas, pelo menos, restar-nos-á a serenidade de termos feito algo que poderia, acaso fosse conhecido, lido e estudado, esclarecer

algumas coisas acerca do que é o discernimento inaciano e, dessa forma, dar pautas interpretativas que poderiam ser uma ajuda ou um apoio na consideração do pontificado de Francisco.

Na consideração da natureza do que poderia vir a ser este trabalho, começámos por tentar apenas falar especificamente do que Francisco aduzia, nos seus diversos pronunciamentos, sobre o discernimento espiritual. Essa tentativa, infelizmente, mostrou-se deficitária, pois, embora tais referências fossem claras quanto ao que aquele pensa ser o discernimento inaciano, pareceu-nos, com uma evidência crescente e a certo ponto intransponível, que seriam, porventura, demasiado herméticas para quem não tivesse um conhecimento, pelo menos elementar, sobre o mesmo.

O projeto seguinte que elaborámos para o presente estudo foi o de apresentar uma estrutura elementar do que é o discernimento inaciano e ilustrar esse mesmo esquema mediante citações das intervenções orais e/ou escritas de Francisco. Tratou-se de um projeto que, também rapidamente, se mostrou insatisfatório, porquanto poderia dar a entender que tais citações seriam tão-só uma tentativa de justificação, ao retardador, de uma qualquer soma de ideias nossas de alguma forma pré-concebidas.

Por fim, devido à exiguidade temporal que nos pressionava para a entrega de trabalhos para serem ponderados e eventualmente publicados nesta revista que, ultimamente, aceitou, de modo simpaticíssimo, este nosso estudo, decidimos enveredar pelo que se tornou este artigo. Em concreto: a apresentação dos elementos essenciais daquilo que pode ser tido como núcleo do assim apodado "discernimento inaciano". E isto de modo simples, breve e, embora com base em alguns dos melhores trabalhos existentes (que não são, infelizmente, os mais divulgados), iminentemente pessoal.

## **O contexto cultural para a urgência do discernimento**

Observando-se com atenção o cenário em nosso redor, um facto é mais do que evidente: as realidades humanas não mais aparentam ser – mas será que alguma vez o foram fora das mentes dos teóricos controladores? – apenas brancas ou pretas; os tons mais diversos e difusos de cinzento abundam em todas as esferas e contextos humanos. A fé, por seu lado, revela-nos que todas essas mais ou menos carregadas *nuances* que podemos conhecer, ou vir a conhecer, possuem um profundo e enigmático sentido divino. A realidade, toda e qualquer realidade humana, deve, assim, ser discernida. A tarefa do discernimento espiritual é desvendar esse significado, que é um – mas não o único – significado que tal realidade possui. Se é verdade que, como nós

cristãos acreditamos, Deus é o Criador do Universo e Senhor da História, nada do que é humano nos pode, então, ser estranho ou indiferente<sup>1</sup>.

Não há, na vida, Suíças neutrais, territórios sagrados diante de outros profanos. Nem mesmo na Igreja. Muito menos no diálogo da Igreja com o Mundo pós-moderno do sincretismo religioso em que vivemos, e que tem um dos seus estandartes mais relevantes no movimento da *New Age*<sup>2</sup>; e muito menos porque, inclusive, penetrou avassaladoramente no âmbito de alguma teologia, homilética, catequética e na ação da Igreja. Ao contrário do que sucedeu, em não raras ocasiões, no passado, Catolicismo e Mundo, em lugar de serem inevitavelmente forçados a confrontar-se, podem ser convocados a enriquecer-se bilateralmente<sup>3</sup>.

Claro que procurar definir o atual paradigma cultural dentro dum conceito ainda privativo de “pós-modernidade” nada mais é do que uma mera tentativa. No entanto, mesmo quando tal denominação se refira a um horizonte de conteúdo muito escorregadio, vago e complexo, talvez ela possua, precisamente devido a essa sua ambiguidade, um grande valor quando convocada para descrever o fenómeno que intenta nomear. O mesmo se diga a respeito da noção de *New Age*<sup>4</sup>, em que o vocábulo *new* só pode ser entendido, e erradamente (pois de *new* tal movimento quase que nada tem, exceto o seu pujante histriionismo tão ao gosto de alguma teologia fundamental turística propensa à diluição do Cristianismo), no sentido de oposição.

De qualquer forma, o cristão está chamado a ser simultaneamente o sal e a luz do Mundo, e nós, hoje, temos de ser simultaneamente sal e luz numa pós-modernidade em aceleração galopante. Nesse sentido, não podemos esperar sermos imunes aos desafios com que ela nos desafia. Num Mundo cada vez mais globalizado, com uma inerente dose crescente de hedonismo individualista, não há dúvida de que caracteres que descrevem aquela pletora amorfa e anfibológica penetram, para o melhor e para o pior, a nossa existência mais comum<sup>5</sup>.

Pelo lado negativo, podemos dizer que a celebração da demissão da razão afogada no emocionalismo, da verdade absoluta e das metanarrativas totalizadoras com as suas convicções universais, conduz, designadamente:

<sup>1</sup> RUIZ JURADO, Manuel – *El Discernimiento Espiritual: teología, historia, práctica*, p. 175s.

<sup>2</sup> SALIBA, John A. – *Christian Responses to the New Age Movement: a Critical Assessment*, p. 171.

<sup>3</sup> FERRO, Giuseppe dal – *Spiritualità del post-moderno. Quaderni di Studi Ecumenici*, 1 (2000) 15; MARDONES MARTÍNEZ, José María – *¿Adónde va la religión?: cristianismo y religiosidad en nuestro tiempo*, p. 43-54.

<sup>4</sup> SALIBA, John A. – *Christian Responses to the New Age Movement*, p. 39.

<sup>5</sup> CASTIÑEIRA, Àngel – *La experiencia de Dios en la Postmodernidad*, p. 98; MARTÍN VELASCO, Juan – *Ser cristiano en una cultura posmoderna*, p. 123s.

a um politeísmo axiológico; à perda de entusiasmo; e ao surgir de diferentes vozes que nos pedem, continuamente, para não aceitarmos ou vermos a realidade e a verdade tal como estas o são. Isto, quer o queiramos ou não, é um facto. Posto isto, é verdade que, por outro lado, não podemos negar as características positivas daquela outra interpenetração: o romper de dogmatismos e legalismos excessivos; a afirmação do valor da identidade pessoal e dos traços irrepetíveis que os valores assumidos adquirem; a valorização da sensibilidade e da estética como caminhos válidos para o acesso ao mistério<sup>6</sup>.

Face a esta realidade, que nos revela que não existem cafés autênticos sem cafeína, o cristão não pode demitir-se da tarefa de se educar na íncлита tarefa de saber avaliar a realidade à luz de Deus, de Cristo, do Espírito. Falar acerca de: decifrar teologicamente o nosso contexto vital; descobrir a repercussão teológica dos acontecimentos; discernir os sinais dos tempos; esclarecer a *praxis* à luz do Evangelho, são modos diferentes de dizer a mesma coisa: temos de saber onde temos os pés para projetar o caminho que devemos seguir na busca da transformação do Mundo em Reino<sup>7</sup>.

Não são poucos aqueles que perguntam: o que é ser, hoje, um cristão? Qual é o papel da Igreja para a vivência do nosso relacionamento com Deus? Qual é o valor que devemos atribuir aos documentos do magistério? Qual é o valor do Cristianismo tradicional face à multiplicação das ofertas religiosas? Qual o sentido de uma participação em celebrações litúrgicas que não nos dizem nada? Não há respostas simples para essas perguntas, e o pior que poderia ser feito seria tentar oferecer, a cada pessoa, uma resposta monolítica a tais interrogações, como se a mesma fosse um xarope para uma doença global.

Cada vez mais devemos atrever-nos a ousar querer educar para a liberdade e, inerentemente, para o acompanhamento mistagógico, em Igreja e em colaboração com o Espírito, da, e na, descoberta pessoal das respostas adequadas para aquelas e outras questões<sup>8</sup>. Nos dias de hoje, todo e qualquer cristão deveria poder ser capaz de buscar e encontrar por si mesmo, conquanto em diálogo com Deus e a Igreja, as formas mais corretas de incarnar a sua pessoa no Mundo. A busca do lugar do amor melhor e mais belo é sempre uma paixão pela liberdade e pelas suas conseqüências, e isso, desde logo e inevitavelmente, remete para a necessidade do discernimento. A aquisição

<sup>6</sup> MARTÍN VELASCO, Juan – *Ser cristiano en una cultura posmoderna*, p. 42-91; SALIBA, John A. – *Christian Responses to the New Age Movement*, p. 162 e 169.

<sup>7</sup> MARDONES MARTÍNEZ, José Maria – *¿Adónde va la religión?*, p. 217ss.

<sup>8</sup> FERRO, Giuseppe dal – *Spiritualità del post-moderno*, 16.

de um hábito espiritual de discernimento e de intimidade com Deus torna-se, dessa forma, essencial<sup>9</sup>.

A conceção cristã do ser humano como um peregrino é um reflexo perfeito dessa realidade. Para a edificação deste sujeito peregrino e discernidor, o triângulo relacional "Deus"- "batizado"- "Mundo" deve ter um ponto de gravidade suficientemente flexível para que o sujeito crente possa fazer a experiência da responsabilidade missionária messiânica; ou seja, do envio construtor. Educar para o discernimento é, assim, educar para a ação construtiva e cooperativa<sup>10</sup>.

Além disso, e jamais podemos escamotear ou esquecer esta realidade, o crente é membro de um corpo orgânico-espiritual: ele é membro de Cristo. A sempre tão resistente tentação individualista, que faz "do que eu faço" a norma única do bem, é despersonalizante e, portanto, contrária ao espírito evangélico. Somente existe uma pessoa em comunidade e para a comunidade: a mão desconectada do braço já não é mais uma "mão", mas apenas "matéria" e "matéria" no pior sentido deste termo. A este respeito, e dentro do fraturante contexto que descrevemos, cada um deve descobrir um conjunto básico de atitudes e orientações criteriosas e sempre em atualização cristocêntricas que lhe permitam viver como um membro vivo da Igreja viva: isto, sim, é o que comporta ser Igreja no mundo de hoje<sup>11</sup>.

Toda a ponderação concreta acerca da aplicação de práticas culturais, de formas de convivência eclesial, de reflexões doutrinárias e suas explicações e, enfim, de formas de comunicação deveria surgir sempre e somente a partir dessa realidade<sup>12</sup>. No entanto, e em última análise, tudo isso não pode deixar de ser uma ponderação; um discernimento pessoal e comunitário do que é mais adequado para a comunicação do amor. Algo que assim se manifesta, tantas e tantas vezes, nos antípodas da busca da eficácia e da visão a curto prazo da lógica meramente humana<sup>13</sup>. A verdadeira averiguação é sempre uma tentativa de se ir até às raízes, e isso, como se sabe, exige paciência; isto é, requer "paz-ciência": a "ciência da paz" interior através da qual o amor pode irromper e iluminar.

<sup>9</sup> RAHNER, Karl – *Espiritualidad Antigua y Actual*, in IDEM – *Escritos de Teología*, vol. 7, p. 26; RUIZ JURADO, Manuel – *El Discernimiento Espiritual*, p. 183; SALIN, Dominique – *Libertad*, in *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*, vol. 2, p. 1126-1133.

<sup>10</sup> FERRO, Giuseppe dal – *Spiritualità del post-moderno*, 15.

<sup>11</sup> MARTÍN VELASCO, Juan – *Ser cristiano en una cultura posmoderna*, p. 112.

<sup>12</sup> RUIZ JURADO, Manuel – *El Discernimiento Espiritual*, p. 210.

<sup>13</sup> FERRO, Giuseppe dal – *Spiritualità del post-moderno*, 14.

## Para uma aproximação à definição de “discernimento”

O crente cristão vive quotidianamente na fé, cujo exercício resulta sempre relativamente obscuro, de tal modo que, frequentemente, ele não logra possuir uma evidência imediata do conteúdo da sua crença, nem do caminho que deve seguir na vida. O próprio Deus-Amor, justa e precisamente por ser Amor e nada mais do que Amor, envolve o ser humano na obscuridade decorrente da luminosidade ofuscante do Seu amor, o qual geralmente não se manifesta de modo evidente. A Sua voz nem sempre é ouvida com clareza. No entanto, por outro lado, Ele pede que o ser humano ouça a Sua voz. Paralelamente a essa voz, outra é ouvida, não menos misteriosa e muitas vezes confundida com aquela: a do “adversário” de Deus e do ser humano<sup>14</sup>. Assim sendo, a questão do discernimento entrelaça-se imediatamente numa situação complexa: como determinar a origem dos movimentos que passam pela consciência?

Pois bem, em derradeira análise, podemos descrever o discernimento espiritual dos espíritos<sup>15</sup> como um dom que configura uma arte que leva uma pessoa a capturar na sua vida pessoal, ou na vida dos outros, a ação subtil, delicada e tantas vezes impercetível nas suas aparências, do próprio Deus, distinguindo-a dos demais movimentos que perpassam pelo coração humano, para assim aferir a vontade de Deus que deverá, isso sim, constituir o motor de atuação de tal pessoa para que esta, pelo amor mais belo e melhor de que for capaz, colabore na transformação do real em Reino.

Na vida espiritual, como dizem os mestres espirituais desde há séculos, não há linhas retas. Mais: ela é um ideal somente para aqueles que não sabem viver separados da lógica formal do claro e distinto. No entanto, esta consideração não pode estar mais distante da realidade: viver no Espírito não é um objetivo a ser alcançado, mas o desenvolvimento de cada pessoa mediante um relacionamento de amor com Deus, com os demais e o restante da Criação.

Uma vida espiritual bem nutrida depende da qualidade do discernimento que é realizado no decurso dessa mesma vida. Por outras palavras: discernir o amor, através da constatação daquilo que separa ou aproxima de Jesus Cristo, garante uma vida espiritual saudável<sup>16</sup>. O conhecimento de Jesus leva o ser humano a conhecer o Seu Espírito e a ser capaz de O distinguir de outros espíritos. Uma sintonia com o Espírito de Jesus Cristo faz do discernimento uma espécie de instinto sobrenatural, através do qual aqueles que cultivam tal

<sup>14</sup> BERNARD, Charles André – *Teología Espiritual: hacia la plenitud de la vida en el Espíritu*, p. 430.

<sup>15</sup> RUIZ JURADO, Manuel – *El Discernimiento Espiritual*, p. 17-20.

<sup>16</sup> RUPNIK, Marko – *El Discernimiento*, p. 39; IDEM – *Dans le feu du buisson ardent: initiation à la vie spirituelle*, p. 74.

"instinto" sabem, de uma forma temática ou aтемática, discursiva ou intuitiva, a origem do que está presente na sua consciência, no seu ser<sup>17</sup>.

O que acabámos de mencionar só é possível num clima de intimidade pessoal; ou melhor: relacional; e o facto é que isso é usualmente arriscado, sobretudo porque, embora se trate frequentemente de uma troca de confidências e de segredos de amor, é algo que pode ser confundido com o anúncio de enigmas misteriosos por parte de Deus. Dito isto, é verdade que o Deus-Amor está tão presente na intimidade do ser humano que acaba por não ser facilmente discernível, ainda que seja lá, nessa intimidade crescentemente deposta, que a vontade de Deus poderá ser discernida e edificada.

A intimidade, como bem sabe todo aquele que ama autenticamente, faz de duas vontades uma só, sem que nenhuma daquelas seja anulada ou aniquilada. Trata-se de um horizonte em que a relação dos dois querereres amantes se converte num processo sinérgico no qual as duas vontades são absolutamente necessárias<sup>18</sup>. Além disso, nada nesse contexto é uma realidade estática, sendo tudo, isso sim, um processo no Espírito Santo que, a não ser que se silencie Aquele, é tão dinâmico quanto a vida do sujeito humano que o realiza<sup>19</sup>. Vejamos, de seguida e em traços muito abrangentes, aquelas que podem ser consideradas as suas grandes etapas, separadas em dois parágrafos que reúnem, em cada um deles, os momentos iniciais e conclusivos do mencionado processo.

Num primeiro momento, o sujeito deve ver. Isto é, tentar afastar-se de si mesmo e observar o que acontece em si. Neste estágio, a grande tentação é querer apressar o processo e entrar em *stress*, queimando ou desvalorizando as etapas para, assim, entrar no passo seguinte. Efetivamente, somente depois de tal "ver" é que quem está a fazer o discernimento poderá avaliar, com o periscópio e o endoscópio espirituais, de onde vem o que se passa na referida interioridade: das camadas superficiais desta; do que é mais interior do que o seu próprio interior; ou, então e quiçá, de alguma realidade exterior.

Posteriormente, o sujeito deve entregar-se à tarefa de averiguar o que tais movimentos desejam realizar: uni-lo a Deus ou afastá-lo d'Este? Esta é uma etapa fundamental, na qual o crente precisa de refletir sobre o que se vive de acordo com a norma evangélica do amor melhor e mais belo: aqueles movimentos levam-no para o amor crescente ou para se separarem dele<sup>20</sup>? Por fim,

<sup>17</sup> LEWIS, Jacques – La spiritualité du discernement. *Cahiers de Spiritualité Ignatienne*, 64 (1992) 228.

<sup>18</sup> RUIZ JURADO, Manuel – *El Discernimiento Espiritual*, p. 39.

<sup>19</sup> RAHNER, Karl – No apaguéis al Espíritu, in IDEM – *Escritos de Teología*, vol. 7, p. 90-96; RUPNIK, Marko – *El Discernimiento*, p. 38; LEWIS, Jacques – La spiritualité du discernement, 230.

<sup>20</sup> RAMBLA BLANCH, Josep María – Bondad y ambigüedad del deseo. *Manresa*, 66 (1994) 161-164.

o sujeito poderá trabalhar sobre os dados previamente recolhidos e, a partir deles, deslindar os sinais que lhe permitem eleger a vontade de Deus para si e, com força e perseverança, colocar aquela em prática. O discernimento não é apenas para um dado momento na vida, nem é o exercício de algumas escolhas necessárias; ele é, isso sim, um verdadeiro estilo de vida; um modo de viver a intimidade relacional e inter-relacional em comunhão<sup>21</sup>.

De alguma forma, então e considerando o discernimento como uma comunicação entre Deus e o ser humano, podemos resumir os precedentes momentos, sucessivos e em espiral, em dois estágios: um de conhecimento de si à luz de Deus, e outro no qual o averiguar a fonte dos diferentes fluxos que desaguam na consciência e, tanto nas grandes ocasiões da vida quanto nas mais quotidianas, se torna um hábito. Deste modo, o crente torna-se cada vez mais sensível à lei do amor, que revela que a vontade de Deus é o que aquele mesmo quer quando, em união com o Espírito do Senhor, está liberto do seu egoísmo, e assim descobrirá, nessa mesma vontade, o caminho que deve seguir para, através de crises, conquistas, cansaços e surpresas, responder a um Deus que deseja o bem para cada um de nós e, dentro do que Lhe é possível, tudo faz para que isso aconteça<sup>22</sup>.

Sendo isto verdade, podemos dizer que o discernimento é o caminho que cada crente deve percorrer para encontrar o que, mais aquém e mais além de todas as inclinações egoístas ou narcisistas, realmente quer, porque, ultimamente, isso corresponderá à vontade subjetiva de Deus para si<sup>23</sup>. Mas, sendo assim, será necessário criar as condições para uma verdadeira intimidade amorosa na qual possamos sentir e saber para onde o Espírito Santo, primeiro Sujeito e Ator em todo este processo, nos quer conduzir e transformar<sup>24</sup>.

Como temos vindo a mencionar, o discernimento nunca é feito sozinho, mas dentro de uma intimíssima relação de amor<sup>25</sup>. Somente assim cada sujeito pode ser capaz de decifrar os sinais teográficos impressos no seu coração, os quais o constituem um agente capaz de opções livres e responsáveis num Mundo no qual Deus Se faz presente. Deste modo, o sujeito vive, concomitantemente, a experiência de ser co(m)criador da sua própria pessoa tendo em mira a realização do Reino. Eis porque podemos afirmar que o discernimento se resume nisto: no processo de capacitação para a transformação da

<sup>21</sup> AA.VV. – Discernement des esprits, in *DSp.* 3, col. 1274.

<sup>22</sup> RUPNIK, Marko – *Dans le feu du buisson ardent*, p. 74.

<sup>23</sup> THOMAS, Joseph – Ignace, pèlerin de Dieu. *Vie Chrétienne: Supplément*, 298 (1986), p. 20-22.

<sup>24</sup> AA.VV. – Discernement des esprits, in *DSp.* 3, col. 1273; RUIZ JURADO, Manuel – *El Discernimiento Espiritual*, p. 20.

<sup>25</sup> RUPNIK, Marko – *El Discernimiento*, p. 43s.

realidade em Reino, na medida em que permite que se descubra o *locus* onde se pode amar melhor e mais belamente.

Coerentemente com o que referimos, o paradigma radical do discernimento é o mistério da própria encarnação. Claro que, como temos argumentado, discernir é distinguir, definir, separar, etc.<sup>26</sup>, mas é também, e acima de tudo, um processo encarnacional que: desponta da realidade em que cada um está imerso e a partir da qual deve ponderar a respeito das origens dos movimentos que os afetam; reflete tal realidade à luz de Deus; e, enfim, regressa àquela realidade já escatologicamente transfigurada em Reino, pela mais contínua adesão possível a um amor maior e mais radiante de beleza característico do Deus-Amor que, justamente por ser Amor, é sempre Maior<sup>27</sup>.

### Traços da experiência de Inácio de Loyola

Foi a partir, por um lado, da sua experiência pessoal e, por outro lado, do coleccionar da tradição espiritual anterior a si que Inácio de Loyola compôs o pequeno grande livro dos seus *Exercícios Espirituais*. Neste momento do presente estudo, vamos debruçar-nos sobre o itinerário espiritual pessoal de Inácio de Loyola, o qual, de certa forma, pode servir como exemplo paradigmático da dinâmica de transformação e reorientação do sujeito religioso. Na realidade, como veremos, a jornada pessoal de Inácio de Loyola em direção a uma simplificação espiritual progressiva, tal como se encontra incorporada nas primeiras edições da “sua” *Autobiografia*, é a paleta do processo espiritual descrito no livro dos *Exercícios*: as linhas de força daquela são, propriamente, a presença real operativa dos campos de força orientadora destes<sup>28</sup>.

Durante a sua convalescença, depois de ter sido ferido na batalha de Pamplona (1521), Inácio de Loyola lê a *Vita Christi*, de Rodolfo da Saxónia, e o *Flos Sanctorum*, de Giacomo da Varazze, e, entretido com os seus próprios pensamentos de feitos heroicos de cavalaria, pensa nos gloriosos talentos que teria de efetuar para conquistar a dama dos seus sonhos. Nessa ocasião, começa a constatar uma variedade de sentimentos; de “espíritos” que sucediam no seu interior – consolação seguida de desolação [EE. 317] – quando pensava em tais façanhas mundanas; consolação mais persistente [EE. 316], quando se detinha na consideração da vida dos santos. Pouco a pouco, vai-se

<sup>26</sup> AA.VV. – Discernement des esprits, in *DSp*. 3, col. 1270; FUTREL, John Carrol – *El discernimiento espiritual*, p. 7.

<sup>27</sup> RAHNER, Karl – Apertura hacia el Dios cada vez Mayor, in IDEM – *Escritos de Teología*, vol. 7. Madrid: Taurus, 1967, p. 40-48.

<sup>28</sup> LONSDALE, David – *Ignace, maître spirituel*, p. 23ss.

dando conta de que, por causa dos efeitos que deixavam na sua alma, o segundo estado anímico antes descrito vinha de Deus, enquanto o primeiro não.

Inácio de Loyola também reconhece que os pensamentos – ou seja, os projetos ou propósitos que levam a resoluções ou decisões na vida – que brotam da consolação são contrários aos que derivam de um estado de alma oposto, estabelecendo, desse modo, ligações e/ou continuidades entre o discernimento espiritual de espíritos – isto é, dos movimentos – e as escolhas ou opções de vida, às quais denominará de “eleição”. Para Inácio de Loyola, essas opções devem ser levadas a cabo segundo o critério da maior glória de Deus [EE. 185.240.339] e, por esse mesmo motivo, de acordo com a Sua vontade. Isto também é, obviamente, um processo ou um itinerário espiritual e místico que, em paralelo com aquele que o mesmo Inácio de Loyola vai experimentando no curso da sua simplificação espiritual interior, tem essencialmente os seguintes passos estruturais e estruturantes<sup>29</sup>:

- a) antes de mais nada, como em todos os percursos espirituais, deve caminhar-se da, e para a, liberdade interior: todo o preconceito e toda a obstinação contumaz no previamente adquirido bloqueiam o processo de busca da própria autenticidade, impedindo, desse modo, o dinamismo de averiguação e co(m)edificação da vontade concreta de Deus para si mesmo. Desta forma, é preciso que o sujeito, com a ajuda da graça divina, se vença a si mesmo e não ceda a ser determinado por afetos desordenados [EE. 21], deixando, isso sim, que a sua autenticidade comece a ser observada por si mesmo [Aut. 6-8] enquanto animado por um desejo do “*magis*” [EE. 23] que deriva da constatação da imperfeição pessoal no momento presente<sup>30</sup>;
- b) depois, é necessário começar a deixar que os olhos interiores se abram [Aut. 8] à fraca iluminação personalizada de si mesmo, que vem da escuta atenta do seu mundo interior como ressonância da Palavra de Deus, a qual exige um compromisso real, ainda que incoativo: de uma repetição meramente externa de alguns ideais mais ou menos aceites, a passagem para o envolvimento afetivo abre o horizonte da possibilidade de começar a ponderar a alternância de espíritos que vem da abertura do coração a essa Palavra. Deus comunica-Se pela

<sup>29</sup> CUSSON, Gilles – Pour mieux situer le discernement spirituel. *Cahiers de Spiritualité Ignatienne*, 67 (1993) 211ss; GARCÍA DE CASTRO, José – La mística de Ignacio: cultura y costumbre. *Manresa*, 76 (2004) 340-347; ZAS FRIZ, Rossano – Espiritualidad Ignaciana, in *Dic. Esp. Igna.*, vol. 1, p. 814ss.

<sup>30</sup> GARCÍA DE CASTRO, José – *El Dios emergente: sobre la “consolación sin causa”*, p. 222-227.

Sua Palavra libertadora, que deve ser apropriada por uma adesão pessoal à hierarquia dos valores de Cristo Jesus, a qual, por seu lado, leva à formulação efetiva daquilo que se quer e se deseja [EE. 48.55.65, etc.]. Esta surge quando se reconhece o abismo que existe entre esse objetivo – Deus e os Seus valores – e as próprias capacidades, as quais devem, contudo, operar e operar somente em sinergia com a ação pré-formativa e performativa de Deus<sup>31</sup>;

- c) numa fase posterior, o sujeito deve determinar-se a mudar alguma coisa na sua vida: o discernimento supõe que a pessoa está disposta a deixar-se interpelar por Deus, o que supõe igualmente que esteja disposta a fazer uma mudança na sua vida para tentar apropriar-se da sua nova identidade descoberta diante da Palavra recriadora [Aut. 9-12]. No entanto, a inércia, inerente à existência anterior, não deixa de se fazer sentir. Assim sendo, é necessário que o crente se faça ativamente indiferente [EE. 23] a todas as coisas como uma atitude positiva e preferencial em relação ao desígnio de Deus para si. Nesta etapa do processo, a determinação relacionada com a mudança espiritual já é lúcida, mas o discernimento dos meios para a sua realização ainda surge como confuso, dado que o assunto ainda se relaciona com as realidades criadas sem que nelas se manifeste a vontade de Deus [Aut. 13-25]. É necessário, assim, e para que não se tomem decisões egolátricas que prejudiquem a Igreja, o Mundo e o próprio Deus, que o sujeito saiba colocar em questão as suas próprias preferências, escolhas, decisões ou certezas não confirmadas por Deus. É necessário que o mesmo se deixe guiar pelo Espírito, o Qual é a fonte permanente da originalidade ousada e da criatividade fiel. Renunciar à mudança, prescindir da novidade sempre emergente, é estar fechado à novidade do Espírito; é colocar a vontade própria diante da de Deus, o que é um sinal claro de um discernimento falso ou errado [EE. 169]<sup>32</sup>;
- d) finalmente, no último patamar de um caminho em que cada meta se foi revelando como um novo começo, chega o estágio da decisão, do despertar da velha vida para a nova vida. Uma das grandes, e ainda duradouras, contribuições de Inácio de Loyola para a espiritualidade foi o facto de aquele ter vinculado a experiência do Espírito, através das Suas moções, ao reconhecimento da vontade subjetiva de Deus e às decisões que a liberdade é convidada a tomar para que tal reconhecimento ocorra. Quando o sujeito, em consequência de ter rompido

<sup>31</sup> GARCÍA DE CASTRO, José – *El Dios emergente*, p. 227-230.

<sup>32</sup> GARCÍA DE CASTRO, José – *El Dios emergente*, p. 230-234.

os últimos elementos de egocentrismo voluntário, deixa de tentar ser o centro da sua própria vida [Aut. 20ss] e se abre para uma nova gramática espiritual, na qual os sinais teográficos podem ser livremente impressos no seu coração, o horizonte último da sua realidade – já previamente intuído, mas então inatingível – permite tomar uma decisão definitiva [Aut. 23ss]. Tendo entrado no horizonte do “eu simplificado”, a matriz espiritual assumida torna-se no molde concreto que permite ao sujeito determinar as suas opções em função da norma evangélica<sup>33</sup>.

### As regras elementares do discernimento

Como vimos, Inácio de Loyola plasmou nos seus *Exercícios Espirituais* as suas experiências espirituais, codificando-as de uma forma que, fruto da sua convicção da universalidade dos campos de força que as constituíram – opinião que, talvez, deva ser matizada –, apresentasse um código pneumográfico que permitisse ao sujeito que realizasse o que está patente naquela obra aferir a origem das suas moções espirituais. E isto para, a partir daí, inferir o que fazer com elas – aceitá-las ou recusá-las, acaso venham, respetivamente, de Deus ou do que Lhe é oposto [EE. 313] – e, posteriormente, discernir, em co(m)construção de querer, qual é a vontade de Deus para si [EE. 313-336]<sup>34</sup>.

As moções espirituais são movimentos externos ao ser humano – constituídas essencialmente pelo dinamismo afetivo, imaginativo e rememorativo de elaboração de ideias<sup>35</sup> – que, agindo nas suas faculdades racionais ou sensuais, orientam o sujeito, aproximando-o de Deus ou afastando-o d'Este. Destes movimentos, os mais significativos para o processo de discernimento são aqueles que vêm de Deus e os que vêm de tudo aquilo que pode separar o sujeito de Deus. Por outro lado, as moções podem ser igualmente divididas em dois outros grupos, em função da progressão do sujeito na vida espiritual, sendo que, presentemente e para obviar a necessidade de nos estendermos em demasia neste trabalho, nos focaremos nas moções mais típicas naqueles que estão na fase purgativa [EE. 313-327].

Sobrepondo-se os dois precedentes grupos, podemos constatar que tais movimentos espirituais, dependendo da orientação da matriz humana

<sup>33</sup> GARCÍA DE CASTRO, José – *El Dios emergente*, p. 234-239.

<sup>34</sup> DEMOUSTIER, Adrien – Introduction aux règles du discernement. *Cahiers de Spiritualité Ignatienne*, 54 (1990) 89ss; GARCÍA DE CASTRO, José – La estructura interna del discernimiento. *Manresa*, 80 (2008) 126-139.

<sup>35</sup> GARCÍA DE CASTRO, José – Moción, in *Dic. Esp. Igna.*, vol. 2, p. 1265 e 1268.

existencial em que se fazem sentir e repercutir, têm efeitos opostos e simétricos. É justamente isto que tentamos ilustrar, graficamente e também pelo recurso à clássica regra da multiplicação dos denominados sinais das operações de soma e de subtração, na Tabela 1 (T.1), sendo que a explicação do seu conteúdo será intentada a continuação.

T.1

–	×	–	=	+	→	∅
–	×	+	=	–	→	∞
+	×	+	=	+	→	∞
+	×	–	=	–	→	∅

De uma maneira geral, todo o sujeito humano está numa de duas condições espirituais traduzidas pelo primeiro membro das fórmulas antes apresentadas: ou é todo um movimento em direção a si mesmo, fazendo-se totalmente insensível ao amor e ao bem (realidade representada pelo sinal (–) presente na primeira coluna da T.1 [EE. 314]), ou, então, é dinamismo de descentramento de si para viver em comunhão com Deus e os demais (circunstância representada pelo sinal (+) igualmente presente na primeira coluna [EE. 315])<sup>36</sup>.

Em cada uma das duas condições espirituais, e tal como já tivemos a oportunidade de indicar, as moções que atuam no sujeito, traduzidas pelo segundo membro das quatro fórmulas antes avançadas, podem ter uma de duas origens irreduzíveis: proceder de tudo o que pode afastar de Deus, do bem e do amor (representadas pelo sinal (–) presente na terceira coluna da T.1), ou, então, proceder, direta ou indiretamente, do próprio Deus (representadas pelo sinal (+) na terceira coluna).

Pois bem, quando o sujeito está voltado para si mesmo, a ação daquilo que é oposto a Deus gera no mesmo uma percepção de bem-estar ou "consolação" (representada pelo sinal (+) na quinta coluna da T.1) que, não obstante e por ter a proveniência aduzida, é falsa, levando (símbolo → presente na sexta coluna) o sujeito a não querer fazer mudanças, mas antes a investir ainda mais no que poderá associar a tal condição, permanecendo na, e incrementando a, sua separação de Deus e, portanto, no fechar-se sobre si mesmo, sobre o seu "ego" (representado pelo símbolo de "vazio", ∅, na última coluna). Eis o que quisemos expor na primeira linha da T.1.

<sup>36</sup> HIRSCHFELD, Carlos G. – Las reglas de discreción de primera semana, II. *Manresa*, 61 (1989) 19-24; RUIZ JURADO, Manuel – *El Discernimiento Espiritual*, p. 224-231.

Por outro lado, naquela mesma condição, a ação de Deus gera no sujeito uma percepção, um mal-estar ou “desolação” (representada pelo sinal (-) na quinta coluna da T.1), que, sendo verdadeira por provir de Deus, convida-o a que, apercebendo-se da natureza imprópria da sua situação espiritual, invista naquilo que, por si e com a colaboração do Espírito Santo, precisa de fazer para se voltar (o símbolo → presente na sexta coluna) para Deus (representado pelo símbolo de infinito, ∞, patente na mesma coluna antes avocada). Esta realidade está patente na segunda linha da T.1.

De modo oposto, quando o sujeito está voltado para Deus, a ação d’Este fá-lo sentir-se verdadeiramente consolado e, dessa forma, ele permanece, e empenha-se por estar, direcionado para o seu Senhor e Criador (situação graficamente representada, com os símbolos que já foram explicados, na terceira linha da T.1). Por fim, quando naquele horizonte vital espiritual a moção tem a sua origem em algo que seja oposto a Deus, o sujeito sente uma falsa desolação, o que o leva a desejar sair da sua condição espiritual positiva e optar por uma em que ele acabe por se centrar em si mesmo (situação expressa na quarta linha da nossa tabela).

Após o precedente esforço, quiçá inglório, de traduzir em poucas palavras as nossas quatro fórmulas espirituais básicas presentes na T.1, iremos de seguida tentar explicar como é que as moções antes referenciadas podem conduzir àquelas orientações, para, posteriormente, fazer uma apresentação concisa dos outros elementos que Inácio de Loyola enuncia quando se reporta, nos seus *Exercícios Espirituais*, às mais elementares regras de discernimento espiritual.

Quando a pessoa está fechada sobre si mesma, o “adversário” de si e de Deus esforça-se por manter unidos o raciocínio e os sentimentos do sujeito, suscitando no primeiro falsos pretextos e causando nos segundos uma consolação sensual, levando assim a que a pessoa queira permanecer fechada em si mesma e separada de Deus. Eis, novamente, o ilustrado na primeira linha da T.1. Deus, por outro lado, operando apenas sobre a razão por que os sentimentos estão cativos de prazeres sensuais, tenta divergir a razão e os sentimentos para que o sujeito, experimentando uma certa desolação [EE. 317], se detenha, reflita sobre as suas inseguranças e se re-orienta, agora em direção a Deus. Este, posteriormente, faz com que aquele vivencie uma certa paz, conforme se tentou ilustrar na segunda linha da T.1<sup>37</sup>.

Já quando a pessoa está voltada para Deus, Este vai tentar manter o raciocínio e os sentimentos unificados, iluminando, no primeiro, razões para o que o sujeito está a viver, e no segundo comunicando-lhe uma verdadeira consolação

<sup>37</sup> RUPNIK, Marco – *El Discernimiento*, p. 72-78.

espiritual, a qual pode, ou não, ser sensível [EE. 316]. Aqui está uma breve elucidação do presente na terceira linha de T.1. Finalmente, neste mesmo horizonte, o “adversário” vai tentar separar o pensamento e os sentimentos para, suscitando medo, separar o sujeito de Deus e fazê-lo querer voltar a uma situação de falsa consolação, sensação típica de quem está encerrado sobre si mesmo. Para este fim, o “adversário” suscitará, sobretudo no raciocínio e a partir do semear de algumas interrogações iniciais aparentemente inócuas, motivos e escrúpulos falsos, de modo a imprimir, na consciência do sujeito, falsos obstáculos que levem os sentimentos a experimentar uma desolação falsa, conforme tentámos ilustrar na quarta linha da T.1<sup>38</sup>.

Juntamente com as indicações precedentes, Inácio provê um conjunto de notas que visam iluminar o proceder daqueles que se apercebem das mencionadas moções espirituais: a sua origem e direção e, finalmente, o modo como cada pessoa deve proceder quando as vive.

Para Inácio de Loyola, a ação de Deus é transparente. No que concerne à do “adversário”, a mesma é, ou descarada, como a de um vendedor que quer captar a benevolência do comprador, para, de seguida, criar neste uma dependência dos seus produtos [EE. 325]; ou, então, camuflada e retorcida, como a de um sedutor que, sobretudo agindo nos afetos desordenados do sujeito, deseja que as suas falsidades não sejam reconhecidas como tal por quem deseja atrair até si [EE. 326], sendo que, nestes dois casos, os esforços do “adversário” se dirigem para a área mais fraca da personalidade do sujeito [EE. 327]<sup>39</sup>.

Igualmente para Inácio, quando a pessoa experimenta alguma forma de desolação – a qual pode ter três causas principais: a negligência espiritual do sujeito, a provação espiritual suscitada por Deus para que o sujeito se conheça melhor a si mesmo e, por fim, algo decorrente do processo de crescimento espiritual deste mesmo sujeito [EE. 322] –, a mesma não deve fazer mudança alguma nas decisões tomadas anteriormente [EE. 318]. O sujeito deve, isso sim, esforçar-se para reagir energeticamente através do incremento do empenho colocado na sua vida espiritual, por mais árida que seja essa experiência [EE. 319], dado que o Senhor nunca o abandonará [EE. 320] e, mais cedo ou mais tarde, o mesmo voltará a vivenciar a verdadeira consolação [EE. 321].

Por outro lado, quando em consolação, a pessoa deve projetar o que deverá fazer quando tal estado se transformar em desolação [EE. 323],

<sup>38</sup> BERNARD, Charles André – *Teología Espiritual*, p. 447s; RUPNIK, Marco – *El Discernimiento*, p. 78-82.

<sup>39</sup> CORELLA, Jesús – Dinámica del deseo y de las afecciones desordenadas. *Manresa*, 66 (1994) 150-154; HIRSCHFELD, Carlos G. – Las reglas de discreción de primera semana, II, 29s; RUIZ JURADO, Manuel – *El Discernimiento Espiritual*, p. 235-239.

particularmente por um dos três motivos antes apontados. E realizar tal projeção procurando não perverter o dom de Deus, mediante o transformar tal dom no seu deus, mas lembrar-se da sua pequenez e fragilidade criatural tal como lhe patenteia, de modo especial, a condição de desolação [EE. 324]<sup>40</sup>.

### **A consolação: causas, sentir e proceder**

As experiências antagónicas da consolação e da desolação são a base dos *Exercícios Espirituais* inacianos e, desse modo, das suas regras de discernimento<sup>41</sup>. Com o tema da consolação, entramos na descrição da experiência *princeps* daquela obra, algo que se pode constatar, por exemplo, no facto de todas as graças que se pedem no decurso da realização do proposto naqueles (amor, sentimentos, lágrimas, etc.) serem graças de consolação espiritual. Uma consolação que, além do mais, deve ser o estado normal da vida espiritual, embora não deva ser procurado por si mesmo, pois isso seria imediata e inapelavelmente um ato desordenado [EE. 16].

A consolação, assim, é um verdadeiro “fulcro arquimediano” essencial, no qual o sujeito se deve apoiar interna e externamente e a partir dele avançar no processo de discernimento espiritual de espíritos. De facto, sem que alguém seja capaz de verbalizar conceptual e logicamente o que acredita ter podido ser uma experiência real e transformadora de Deus, o discernimento deve parar. Se este é a arte de averiguar a orientação que o Espírito imprime à vida do crente, aquele primeiro sinal, que permite reconhecer a Sua ação com ou sem repercussões sensíveis, é o fundamento da construção religiosa do sujeito à imagem de Cristo<sup>42</sup>.

Em consequência do referido, a consolação não se pode confundir com meras alegrias anímicas<sup>43</sup>, pois, além de ser um sentir que não se reduz a um sentimento, a sua verdadeira especificidade não está senão na sua dimensão teleológica derivada de ser uma comunicação de amor ordenado, seja no seu conteúdo, seja na sua estrutura<sup>44</sup>. Ela é, ultimamente, a experiência mais ou menos diáfana que se tem das “coisas celestiais” ou, então, do Criador nas

<sup>40</sup> BERNARD, Charles André – *Teología Espiritual*, p. 439ss; HIRSCHFELD, Carlos G. – Las reglas de discreción de primera semana, II, 24-29; RUIZ JURADO, Manuel – *El Discernimiento Espiritual*, p. 231-235.

<sup>41</sup> RUIZ JURADO, Manuel – *El Discernimiento Espiritual*, p. 235.

<sup>42</sup> BRIEN, Ludger – La consolation spirituelle, indication de l'Esprit. *Cahiers de Spiritualité Ignatienne*, 17 (1981) 58.

<sup>43</sup> RUIZ JURADO, Manuel – *El Discernimiento Espiritual*, p. 226.

<sup>44</sup> GARCÍA DE CASTRO, José – *El Dios emergente*, p. 119s.

"coisas criadas", donde a questão fundamental sobre este ponto pode ser formulada da seguinte forma: o amor que o sujeito tem por uma determinada criatura separa-o ou aproxima-o de Deus?

Sendo assim, a consolação espiritual (verdadeira) é a experiência: do amor de Deus que afeta e movimenta o sujeito, reorientando-o para Si; da liberdade interior e da abertura ao Espírito que cristifica a interioridade do sujeito e abre-o excentricamente ao compromisso ou à eleição para o serviço e a ação, ainda que esta possa permanecer interior ao mesmo<sup>45</sup>. Não há e não deve haver nenhuma dúvida: a cristificação (cf. *1Cor. 2,10; Gal. 2,20*) é o fio de prumo da avaliação da Consolação<sup>46</sup>.

Absolutamente importante é reter que a consolação é um movimento que ultimamente provém sempre de fora do sujeito<sup>47</sup> e, como já foi mencionado no ponto anterior deste trabalho, pode ser boa e verdadeira ou, então, má e falsa. Sendo ela um meio educativo divino, e com toda a exatidão a própria linguagem de Deus que devemos conhecer o melhor possível, é extremamente importante estar preparado para aferir a sua qualidade de acordo com a "regra fundamental" que então apresentámos<sup>48</sup>. Ainda que estejamos, neste estudo, a resumir em excesso o que precisaria de ser dito, não fazendo justiça à dificuldade que existe em advertir para a complexidade de tudo o que estamos a referir, podemos recordar tal regra dizendo que tudo o que leva o sujeito ao bem, ao melhor e à atenção ao coração é de Deus; já o que leva ao mal, ao pior e ao que distrai do coração não é de Deus.

Neste momento vamos focar-nos exclusivamente na consolação espiritual (verdadeira) propriamente dita, tal como Inácio de Loyola – sintetizando muito da sua experiência pessoal com as diferentes experiências de consolação – a apresenta no importantíssimo número 316 dos seus *Exercícios Espirituais*.

Para ele, a verdadeira consolação pode manifestar-se segundo três modos de luminosidade na manifestação de Deus com gradação de amor sensível decrescente, todos eles caracterizados pelos dons do Espírito Santo que a comunicam. Em primeiro lugar, por um intenso e repentino inflamar-se de amor – característico da consolação sem causa precedente (daqui em diante CSCP) a que daremos, posteriormente, a nossa atenção – que o une ao Criador, ao mesmo tempo que unifica toda a sensibilidade em direção ao

<sup>45</sup> CORELLA, Jesús – Consolación, in *Dic. Esp. Igna.*, vol. 1, p. 417; MURPHY, Laurence – Consolation. *The Way: Supplement*, 27 (1976) 44.

<sup>46</sup> BERTRAND, Dominique – J'appelle consolation. *Christus*, 107 (1980) 337ss; RUIZ JURADO, Manuel – *El Discernimiento Espiritual*, p. 226ss.

<sup>47</sup> CORELLA, Jesús – Consolación, p. 413.

<sup>48</sup> CORELLA, Jesús – Consolación, p. 413; RUIZ JURADO, Manuel – *El Discernimiento Espiritual*, p. 228.

amor egodesinteressado. Depois, e se não se estiver atento e sensibilizado para esta realidade, por uma paradoxal dor que resulta, ou da consideração dos próprios pecados – típica de quem está na “primeira semana” dos *Ejercicios Espirituais* – ou, então, de uma intimidade com a paixão de Cristo – típica de quem está na “terceira semana” do proposto naquela obra – que irá unir o sujeito ao Redentor com emoção serena, totalizante e cheia de paz estável. Finalmente, e em referência a uma experiência emocional menos intensa e, portanto, pastoralmente menos perceptível, por um tranquilo aumento das virtudes cardeais que unem o crente ao Santificador<sup>49</sup>.

Como podemos comprovar, se nos focarmos nestes modos com um pouco de atenção, a consolação é um dinamismo de verdade no relacionamento com Deus, caracterizado por uma comunicação de felicidade amorosa que fecunda espiritualmente o ser humano<sup>50</sup>. Ela é, pois, humano-divina e humanizadora-cristificante, na medida em que – recuperando os estágios do crescimento do ser humano; manifestando a infelicidade deste; reinstituindo-o à verdade da sua humanidade; e, por fim, configurando com a vida de Jesus – faz com que o sujeito viva com maior consciência a relação justa que deve ter com Deus, porque ela produz certeza e verdade, pois é construída essencialmente a partir de, em, com e para o amor<sup>51</sup>.

Deste modo, a consolação é a matriz última e essencial daquela harmonia espiritual interior que aproxima o sujeito espiritual das bem-aventuranças e da pobreza, humildade e serviço que caracterizaram, e caracterizam, o viver e o proceder de Jesus Cristo<sup>52</sup>. A dinâmica essencial da consolação é, portanto, centrífuga e expropriadora, colocando o sujeito numa atitude de doação e de promoção do outro. Sendo uma autêntica e genuína experiência do próprio Espírito-Mistagogo, não poderia, como é evidente, ser de outro modo<sup>53</sup>.

Uma ulterior e relevante informação, que Inácio de Loyola nos outorga nas indicações para o discernimento próprio de quem realiza o indicado na “primeira semana” dos *Ejercicios Espirituais*, relaciona-se com o modo de comportamento espiritual que o sujeito deve empreender quando estiver em

<sup>49</sup> ARZUBIALDE, Santiago – *Ejercicios Espirituales: Historia y Análisis*, p. 617-625; CORELLA, Jesús – Consolación, p. 415-419; GUILLÉN, Antonio – ‘Quien quiere imitar en el uso de sus sentidos a Christo nuestro Señor...’ [EE. 248]: sentido y sensibilidad en los Ejercicios. *Manresa*, 80 (2008) 49-58; RUIZ JURADO, Manuel – *El Discernimiento Espiritual*, p. 228.

<sup>50</sup> DEMOUSTIER, Adrien – *Le Dynamisme consolateur*, p. 10.

<sup>51</sup> BRIEN, Ludger – La consolation spirituelle, indication de l'Esprit, 58; DEMOUSTIER, Adrien – *Le Dynamisme consolateur*, p. 29-35.

<sup>52</sup> BERTRAND, Dominique – J'appelle consolation, 340s.

<sup>53</sup> MELLONI RIBAS, Javier – Los Ejercicios como experiencia Mística. *Manresa*, 76 (2004) 355-369; IDEM – Mistagogía, in *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*, vol. 2, p. 1247-1250.

consolação. Já tivemos a necessidade de referir precedentemente umas breves palavras sobre isto, mas tendo sido, na ocasião, apenas de uma forma passageira, iremos agora detalhar a mesma de uma forma mais precisa.

Assim, segundo aquele, o crente deve vivê-la, por um lado, com extrema humildade, para reconhecer que permanece a mesma pessoa que existia antes da consolação e, ao mesmo tempo, que tudo lhe advém gratuitamente de Deus. Quer dizer: o sujeito deve preservar a verdade do seu ser, reconhecendo que esta verdade e aquela consolação são um puro e gratuito dom divino [EE. 324]: a consolação, advertiram desde sempre os mestres espirituais cristãos, é fugaz: apenas o Consolador é perene (cf. Jo.14,16).

Por outro lado, Inácio deixa claro que o crente deve viver a consolação espiritual com uma realista prudência para prever o futuro, no qual irá, inevitavelmente, voltar a experimentar estados de desolação, não devendo, por isso mesmo, viver de modo inconsiderado o presente, mas tentando transformar a graça da consolação num alimento para a sua vida espiritual [EE. 323]. Com efeito, a consolação, para Inácio de Loyola, outorga uma memória que configura uma identidade, pois permite ao sujeito perseverar nas suas determinações no meio das dificuldades, sem incorrer na tentação de questionar a sua verdade. Ela é, desse modo e como já apontámos obliquamente num momento anterior, como um acumulador de energia espiritual que produz um crescimento na vida interior, na medida em que fortalece a identidade relacional do sujeito que a ela deve voltar, com a ajuda da sua memória, quando se encontrar em desolação<sup>54</sup>.

### **A desolação: causas, sentir e proceder**

Como mencionámos precedentemente neste estudo, as realidades opostas da consolação e da desolação são as estruturas basilares do discernimento espiritual tal como este é descrito nos *Exercícios Espirituais* inicianos. Vamos, agora, concentrar a nossa atenção na problemática realidade do segundo daqueles estados espirituais.

Para Inácio de Loyola, a desolação advém ao sujeito especialmente dos obstáculos inconscientes colocados à ação de Deus na sua vida e que a sua vontade limitada é incapaz de superar. Para ele, a desolação é o oposto da consolação e manifesta-se de três formas distintas. Em primeiro lugar, pode apresentar-se como uma escuridão que faz com que o sujeito se sinta incapaz

<sup>54</sup> ARZUBIALDE, Santiago – *Ejercicios Espirituales: Historia y Análisis*, p. 645-650; RUIZ JURADO, Manuel – *El Discernimiento Espiritual*, p. 224s.

de saber para onde deve avançar. Depois, pode manifestar-se numa tristeza global e paralisante. Finalmente, pode declarar-se através de circunstâncias em que os pensamentos espirituais perdem toda a sua consistência e motivação<sup>55</sup>.

Em derradeira análise, podemos dizer que a desolação espiritual é uma experiência relacionada com a percepção da aparente ausência de Deus – de se experimentar como que “órfão” de Deus –, na qual o sujeito perde a paz interior, com ou sem sentimentos externos de tristeza, pois, na realidade, há situações nas quais ela pode manifestar-se através de uma alegria inebriante que sufoca a consciência espiritual do sujeito, separando-o mesmo de Deus. Esta realidade é, em suma, aquilo que mede a sua verdade: o epicentro da desolação é a ausência de Deus.

No entanto, posto isto e no que deve ser enfatizado, apesar da percepção da distância, Deus continua a chamar o sujeito através da desolação, convidando-o a agir de maneira responsável. Na realidade, Ele sempre deseja o crescimento espiritual do crente e encoraja-o a pugnar, com as suas próprias forças contra o deixar-se cair nas tentações mais ou menos evidentes. Na realidade, lutar eficazmente contra o desânimo espiritual, esforçando-se por permanecer constante nas decisões que tinha assumido antes da desolação, é o que menciona o texto presente no número 315 dos *Exercícios Espirituais*<sup>56</sup>.

O sujeito deve comportar-se na desolação de acordo com o que os números 319 a 321 dos *Exercícios Espirituais* afirmam; isto é, tentando manter aquilo que, na sua vida e nas suas práticas espirituais, lhe comunicara frutos evangélicos durante os períodos de consolação. Ele não deve tomar, enquanto nela, nenhuma decisão na linha de uma mudança na sua vida, antes deve manter-se firme nos propósitos corretos assumidos antes de tal desolação e, simultaneamente, tentar reagir contra tal situação, pois ela inclina-se habitualmente para a inércia. Neste sentido e no âmbito dessa pugna espiritual córdica, o crente deve procurar dar importância crescente, quer ao “exame de consciência” que lhe aponta as linhas de força espiritual que estão a ser quotidianamente dominantes em si, quer à penitência que o desperta para a necessidade de dar morte ao que de espiritualmente mortal há em si [EE. 319].

Se o que referimos no parágrafo anterior são os movimentos que Inácio de Loyola propõe ao sujeito para sair da desolação, aqueloutro não se fica por aí. Ele convida, de seguida, o crente a considerar como é que Deus, durante

<sup>55</sup> ARZUBIALDE, Santiago – *Ejercicios Espirituales: Historia y Análisis*, p. 637-644.

<sup>56</sup> GUILLÉN, Antonio – Desolación, in *Dic. Esp. Igna.*, vol. 1, p. 576s; MENDIBOURE, Bernard – Sens de la désolation spirituelle selon saint Ignace. *Christus*, 138 (1988) 234-236; RUIZ JURADO, Manuel – *El Discernimiento Espiritual*, p. 229-231.

a desolação, pode ter agido nele tendo em vista um objetivo específico. Em concreto: que ele resistisse às tentações que lhe surgiram nesse período, mediante um agir em sentido contrário ao que aquelas o convidavam a fazer.

Além disso, Inácio recomenda que durante tal fase o sujeito exercite a paciência – essa virtude tão amarga, mas sempre com frutos tão doces –, a qual é, segundo aquele e em sentido próprio, a maneira de reagir face às adversidades que possam ocorrer [EE. 321]<sup>57</sup>. É necessário salientar agora que Deus nunca é a causa das desolações que podem ser experimentadas pelo sujeito. No entanto, devemos reconhecer que elas só acontecem, quer porque Ele, sendo Amor, não intervém para as impedir, quer porque o sujeito, pela sua condição espiritual humana, é capaz de identificar as causas desse estado e, inclusive, pode mesmo tirar disso proveito.

Aprofundando um pouco mais o que já foi mencionado precedentemente apenas *en passant*, refira-se que, na nona regra dos seus *Exercícios Espirituais*, Inácio de Loyola identifica três razões fundamentais que podem levar à desolação: a inércia espiritual, que resulta da negligência espiritual; as provações espirituais, que permitem ao sujeito dar-se conta de até onde avançou no serviço divino; e, finalmente, o advir de ocorrências que fazem com que o sujeito possa verdadeiramente reconhecer que tudo é graça de Deus [EE. 322]<sup>58</sup>.

Se a desolação pode advir de origens diferentes, o facto é que, em última análise, estas podem sempre ser entendidas como possuidoras duma capacidade de serem como que um fulcro para o nosso bem espiritual. Por um lado, se alguém está centrado em si mesmo, a desolação logra usualmente arrancá-lo do seu estado de desamor, sendo conseqüentemente, como que um convite para a conversão; um apelo divino para que o sujeito evite os descuidos que podem colocar em perigo a sua saúde espiritual. Por outro lado, se a pessoa está numa condição descentrada de si, ela pode ser um convite à maturidade espiritual, mediante o aprender a amar, nomeadamente a Deus, sem os consolos que se podia crer que deviam vir sempre juntamente com o amor; isto é, mediante um começar a amar com aquela humildade que permite reconhecer que tudo é um dom de Deus, podendo a desolação ser, assim e quando o sujeito a reconhece, um prelúdio para formas de consolação mais apuradas<sup>59</sup>.

Em ambos os casos precedentes, embora a desolação seja um estado que é normal viver no processo de discernimento, o sujeito deve reagir contra

<sup>57</sup> ARZUBIALDE, S. – *Ejercicios Espirituales: Historia y Análisis*, p. 653-665; GUILLÉN, Antonio – *Desolación*, p. 578s; RUIZ JURADO, Manuel – *El Discernimiento Espiritual*, p. 231-234.

<sup>58</sup> GUILLÉN, Antonio – *Desolación*, p. 577s; RUIZ JURADO, Manuel – *El Discernimiento Espiritual*, p. 230-238.

<sup>59</sup> GUILLÉN, Antonio – *El valor pedagógico de la desolación*. *Manresa*, 297 (2003) 348-353.

ela e contra os pensamentos que lhe advierem enquanto a estiver a viver. E esta realidade, dado que tais pensamentos são, geralmente, espiritualmente negativos ou nocivos, porque logram levar a que o sujeito, ante a constatação da impotência das suas próprias capacidades e limites, se resigne a nada tentar fazer contra essa desolação, acabando, em consequência disto, por se afundar na sua miséria e desconfiança, até eventualmente sentir que Deus o esqueceu e/ou deixou de o amar<sup>60</sup>.

De notar, com grande atenção, que mesmo que o sujeito não sinta a desolação, ou não a sinta enquanto possuidora duma força avassaladora, isso não significa, nem que ele não a esteja a viver, nem, mais importante ainda, que Deus não esteja a querer servir-Se da oportunidade suscitada por aquela para o chamar à mais veraz autenticidade. De modo algum, mormente porque, como convém ser apontado e bem salientado, a desolação, assim como também a consolação, é apenas um sinal de que o crente deve realizar uma interpretação acerca do que lhe está a acontecer de modo a aferir o que deve empreender para ir co(m)construindo e elegendo a vontade subjetiva de Deus para si<sup>61</sup>.

Uma outra observação que deve ser feita, especialmente devido à sua importância pastoral, é que a desolação espiritual é totalmente diferente da desolação psíquica e até mesmo da depressão. Estas são estritamente relacionadas com sentimentos que derivam de estados anímicos mais ou menos normais e, assim, são moralmente neutras e normalmente relacionadas com horizontes de valores meramente "naturais". Elas podem aproximar, ou afastar, o sujeito de Deus<sup>62</sup>. Já a desolação não é apenas um sentimento psíquico de tristeza, mas um estado como que antinatural, do ponto de vista espiritual, no qual se vivencia, de uma forma ou de outra e em graus muitos diferentes, a perda, ou a diminuição, dos dons da fé, esperança e amor.

Inácio elenca as três virtudes teologais de acordo com a sua ordem clássica; no entanto, e como é normal, é a esperança a primeira a sofrer o impacto da desolação. Ela é a que mais facilmente é desgastada pelos contratempos que, inevitavelmente, surgem no processo de discernimento. Depois e usualmente, o sujeito pode começar a duvidar da presença eficaz de Deus e, finalmente, não é raro que possa acabar por desejar separar-se dos demais, tornando-se a oração, nesse estado espiritual e independentemente da gravidade da erosão teologal operada pela mesma, uma tarefa genuinamente dolorosa e fatigante<sup>63</sup>.

<sup>60</sup> MENDIBOURE, Bernard – Sens de la désolation spirituelle selon saint Ignace, 239.

<sup>61</sup> MENDIBOURE, Bernard – Sens de la désolation spirituelle selon saint Ignace, 231.

<sup>62</sup> GARCÍA DOMÍNGUEZ, Luis María – Desolación, depresión y tristezas ambivalentes. *Manresa*, 297 (2003) 361-367.

<sup>63</sup> AUFUUVRE, Brigitte-Violaine – Désolation spirituelle et/ou dépression. *Christus*, 197 (2003) 33s.

Feita a precedente distinção, não se pode ignorar que, muitas vezes, a desolação espiritual – que é típica de horizontes axiológicos espirituais particularmente “sobrenaturais” – pode ser concomitante com o desânimo psicológico: o sujeito e/ou quem o estiver a guiar espiritualmente deve, assim, estar capacitado e atento para, deslindando tais realidades, saber como responder adequadamente a Deus<sup>64</sup>. Para isso, um instrumento precioso é, precisamente, o de aferir a dimensão antropológica dominante em que o sujeito se move para, a partir daí, se poder discernir a intervenção mais adequada: psicológica, espiritual ou ambas em consonância<sup>65</sup>.

### A falsa consolação

Tão central é a experiência da verdadeira consolação na dinâmica dos *Exercícios Espirituais* inicianos – seja para se fazer uma eleição, seja para se permanecer nela quando se está em desolação – que não é de estranhar que Inácio de Loyola dê grande importância aos critérios que podem ajudar na aferição da autêntica origem dessa moção.

Desde logo podemos dizer, para efeitos de introdução a este tema assaz delicado, que a falsa consolação, a que já nos referimos tangencialmente mais acima, é um estágio emocional no qual o sujeito experimenta sentimentos de consolação que não levam a Deus, aos demais, ao amor, à verdadeira beleza. Isso acontece, por exemplo, quando alguém, estando empenhado na busca de um bem maior, é enganosamente direcionado para um bem menor ou, até mesmo, algo que não é, em si mesmo, um bem, antes, e por exemplo, um mal sob aparência de bem. Pois bem, quando o sujeito se apercebe de que se encontra neste estado, Inácio menciona que o mesmo deve, na medida do que lhe for possível, determinar a sequência que originou os seus pensamentos, sentimentos e afetos para, a partir daí, discernir onde é que se afastou do caminho do bem maior que desejava almejar<sup>66</sup>. Tentaremos expor, com maior detalhe e já a partir do próximo parágrafo, o que isto significa.

Para Inácio de Loyola, se a (verdadeira) consolação é sempre uma ação fundamentalmente divina, a consolação falsa ou falsificada já ocorre através da ação camuflada de tudo o que se opõe a Ele. Assim sendo, ao contrário da CSCP – algo a que daremos a nossa atenção mais adiante neste trabalho –,

<sup>64</sup> GARCÍA DOMÍNGUEZ, Luís María – Desolación, depresión y tristezas ambivalentes, 370-375.

<sup>65</sup> AUFAUVRE, Brigitte-Violaine – Désolation spirituelle et/ou dépression, 28ss; GARCÍA DOMÍNGUEZ, Luís María – Desolación, depresión y tristezas ambivalentes, 359ss.

<sup>66</sup> CLANCY, Thomas H. – Feeling bad about feeling good. *Studies of the Spirituality of the Jesuits*, 11 (1979) 1-29; RUPNIK, Marko – *El Discernimiento*, p. 137-139 e 175-181.

diante do bem que vem de uma outra origem distinta de Deus – ou seja, do bem que tem causas radicadas em eventos, circunstâncias ou ações do próprio sujeito –, este último deve entregar-se à análise ponderada e cuidadosa desse mesmo bem. E este facto pode advir de sentimentos de segurança, controlo, manipulação, poder e conforto baseados na satisfação de programas emocionais de contentamento, com os quais o “ego” pretende alcançar o que quer: permanecer o maior deus do sujeito.

Nestas circunstâncias, e a partir do que podemos inferir das palavras de Inácio, Deus serve-Se da inteligência e da imaginação do sujeito para, como é típico no curso de exercícios inacianos, provocar naquele, através de uma experiência de Si e do Seu amor, uma consolação verdadeira com causa e, depois, até uma CSCP. No entanto, a partir do momento em que o Criador usa essas faculdades naturais para comunicar esta consolação, Ele abre, de certa maneira e devido aos dinamismos próprios do ser humano, a porta para que possam ser experimentadas eventuais consolações fraudulentas.

Na realidade, não é raro que, mesmo em pessoas que estão atentas à sua vida espiritual, ocorra que entrem em ação, quer as forças interiores do egocentrismo e da resistência a Deus, quer a nossa inclinação, decorrente da nossa natureza ferida pelo desamor, para nos autoenganarmos. Neste sentido, é absolutamente necessário testar as razões para a consolação e ver se elas estão ordenadas e orientadas ao redor de desejos evangélicos (humildade, disponibilidade, serviço, pobreza, abnegação, obediência, etc.) ou antievangélicos (riqueza, deleite sensual, honra, reconhecimento, fama, poder, prestígio, etc.), que levam, respetivamente e por um lado, a descentrar-se de si e, inerentemente, a focar-se em Deus e no próximo e, por outro lado, à complacência, ao olhar para si mesmo e até a algum egoísmo camuflado<sup>67</sup>.

O essencial é, então, estar preparado para o reconhecimento do facto de que a verdadeira e a falsa consolações, possuindo origens diferentes, adaptam-se ao sujeito e guiam-no para fins completamente diferentes [EE. 331]<sup>68</sup>: a primeira, para o benefício espiritual do sujeito; a segunda, para o afastar do crescimento no amor. Neste último caso, o mais provável é que o sujeito esteja a experimentar uma consolação fraudulenta que o separa do Reino. Claro que, para que esta separação possa ocorrer, tais inclinações não seduzem abertamente o sujeito, mas surgem no âmbito de uma, já aduzida, aparência distorcida de bem, característica de algo que se apresenta “*sub angelo Lucis*” (cf. 2Cor. 11,14). Um cenário no qual o sujeito se sente inclinado a justificar

<sup>67</sup> CLANCY, Thomas H. – Feeling bad about feeling good. *Studies of the Spirituality of the Jesuits*, 23ss; RUPNIK, Marko – *El Discernimiento*, p. 144-175.

<sup>68</sup> ARZUBIALDE, S. – *Ejercicios Espirituales: Historia y Análisis*, p. 732s.

tudo e, mais ainda, a justificar-se continuamente, tentando esconder, desse modo, “fugas para a frente” e a ambição de protagonismos. De facto, tudo o que nos separa de Deus conhece os pontos mais fracos da nossa personalidade – usualmente aqueles que acreditamos serem os melhores –, e é por aí mesmo que o engano começa. Isto, quase mais do que qualquer outra realidade, deve levar quem se entrega ao discernimento espiritual de espíritos a ser muito cuidadoso [EE. 332]<sup>69</sup>.

Estas consolações negativas, pela sua própria natureza e no decurso mais global da aplicação das decisões tomadas, devem incitar o sujeito a procurar averiguar atentamente o desenvolvimento da sua consolação para ver se a mesma, desde o seu momento inicial até às suas consequências, permanece, ou não, em harmonia com Deus e o caminho de seguimento a Cristo Jesus. A precaução, no ponderar de todos os elementos da consolação com a causa, deve ser significativa, particularmente para se compreender a orientação de toda a experiência espiritual mais global. De facto, independentemente de quão “santa” ou “desinteressada” ela possa parecer, se leva ao mal ou a um bem menor do que aquele que o sujeito vivia no início de tal experiência, isso já é motivo para se suspeitar dela.

Perante o mencionado anteriormente, é preciso, não tanto descobrir se a consolação possui um carácter sobrenatural ou se decorre das faculdades naturais, mas, sim, discernir qual é a sua causa; isto é, averiguar se é, ou não, Deus quem “fala” através dela. Esta orientação pode, de alguma forma, ser resumida na clássica máxima cristã: “*finis non iustificat media*”; quer dizer: usar meios equivocados para obter alguma coisa boa é, na verdade, um bom exemplo do tipo de falsidade espiritual que estamos presentemente a ponderar. Efetivamente, o desejo de alcançar algo de realmente bom, como dar a conhecer aos demais aquilo que cremos ser o melhor para eles, pode levar o sujeito a caminhos errados e, quiçá, até pecaminosos, como calcar a dignidade de quem pensa de modo contrário, naquilo que acaba por desqualificar um fim que, a princípio, parecia ser nobre e até eventualmente poderia (acabar por) sê-lo. A motivação interna que nos faz agir pode, na realidade, desvirtuar e fazer totalmente vã uma opção [EE. 333]<sup>70</sup>.

Se o sujeito vier a reconhecer ter sido enganado – seja pelas aparências exteriores, seja pelos apetites que se sobrepõem ao seu querer verdadeiro e que motivam boas linhas de ação mas que, depois, não se sustentam –, isso deve

<sup>69</sup> ARZUBIALDE, S. – *Ejercicios Espirituales: Historia y Análisis*, p. 733-736; RUIZ JURADO, Manuel – *El Discernimiento Espiritual*, p. 243-244; RUPNIK, Maiko – *El Discernimiento*, p. 139-141.

<sup>70</sup> ARZUBIALDE, S. – *Ejercicios Espirituales: Historia y Análisis*, p. 736s; CLANCY, Thomas H. – *Feeling bad about feeling good. Studies of the Spirituality of the Jesuits*, 32ss.

levar aquele a um momento de confronto consigo mesmo para, assim, encarar a sua autenticidade. Um momento em que o crente questiona, e se questiona, até às raízes mais profundas do seu ser, acerca das motivações das suas motivações, tentando, dessa forma, elucidar o que, na realidade, pretende: buscar-se a si mesmo ou buscar o genuinamente melhor para si em função da vontade de Deus? Mas não só: o sujeito deve, igualmente, tentar vislumbrar onde, quando e por que razão se introduziu em si este ou aquele desvio que o afastou da meta que Deus queria para si [EE. 334]<sup>71</sup>.

Finalmente, neste panorama que temos vindo a descrever, Inácio de Loyola apresenta, para uma ulterior confirmação do discernimento da verdadeira consolação, uma orientação [EE. 335] na qual descreve, de uma forma verdadeiramente magistral, quer os diferentes modos de ação efetiva de Deus, quer os princípios que, no sujeito, se lhe opõem em função da maior ou menor coerência entre, por um lado, os estados de alegria ou tristeza espiritual e, por outro lado, a orientação global da vida desse mesmo sujeito [EE. 314]. E isso, para que o crente, a partir do aprendido através da experiência espiritual até então por si vivida, se possa precaver em possíveis situações futuras. Isto requer um exame rigoroso e uma grande e humilde sinceridade de coração, que, entre outras realidades, coloquem o “acento tónico” do avanço espiritual essencialmente no crescimento cristificante do amor e da fidelidade a Deus<sup>72</sup>.

### **A consolação sem causa precedente**

Uma ulterior moção espiritual que devemos abordar para compreender, na sua globalidade, a lógica interna das regras de discernimento propostas por Inácio é a denominada CSCP.

Para que possamos dilucidar o que é a CSCP, devemos prestar atenção ao que está nos escritos nos números 316, 330 e 336 dos *Ejercicios Espirituales* inacianos, pois a mesma é aquilo que o sujeito vivencia quando ocorre o dito no número 316, do modo descrito no número 330 e tendo-se especial atenção ao que é referido no número 336. Na verdade, e antes de entrarmos numa análise mais cuidadosa, podemos dizer que a mesma é uma experiência da imediatez (mediada) da presença de Deus que enche toda a pessoa e que acontece na confluência de dois elementos: de um lado, uma experiência passiva do amor incondicional de Deus comunicado de um modo peculiar; e, de outro

<sup>71</sup> ARZUBIALDE, S. – *Ejercicios Espirituales: Historia y Análisis*, p. 737s; RUIZ JURADO, Manuel – *El Discernimiento Espiritual*, p. 244-246.

<sup>72</sup> ARZUBIALDE, S. – *Ejercicios Espirituales: Historia y Análisis*, p. 743-752.

lado, uma experiência ativa de resposta incondicional àquele amor por parte do sujeito espiritualmente simplificado. Eis dois elementos que, em uníssono, fazem com que a CSCP seja uma realidade autoevidente e autoautenticadora além de qualquer dúvida<sup>73</sup>.

Como vimos, às vezes o sujeito está, de certa forma, preparado para receber a consolação, mas, noutras ocasiões, a consolação não pode ser explicada, nem pelos atos do sujeito, nem pelas circunstâncias em que ele está imerso. Pois bem, é à consolação que ocorre nestas últimas circunstâncias aquela a que Inácio denomina de CSCP. Em certo sentido, todas as moções de consolação (verdadeira) são sem causa, porque, na medida em que são sempre uma graça divina, não podem ser provocadas pelo sujeito. No entanto, do ponto de vista prático, a CSCP tem aquele carácter distintivo particular de um amor pacífico singular que é, não só recebido passivamente, como também experienciado: a partir da vivência da imediatez (mediada) da graça; de um modo gratuito; e, por fim, de uma forma concomitante com a presença misteriosa, mas real, do próprio Consolador.

Para bem se entender este género de consolação, devemos agora referir que os movimentos que a suscitam devem comportar dois elementos característicos. A saber: por um lado, ela não pode ser decorrente de uma atividade anterior do sujeito; por outro lado, ela deve ser uma consolação verdadeira, conforme Inácio de Loyola a descreve no número 316 do livro dos *Exercícios Espirituais*; isto é, uma moção interior que inflama o crente com um vigor e uma alegria espirituais naquele amor divino que não precisa de discernimento, dado que não há possibilidade alguma de haver nela engano [EE. 336].

A importância deste tipo de consolação advém do facto de ela ser comunicada ao centro mais íntimo do coração, justamente onde reside a consciência que não pode ser manipulada e na qual só Deus pode trabalhar sem, antes, passar pelas diferentes faculdades espirituais do ser humano<sup>74</sup>. Eis porque a CSCP é a experiência por excelência do encontro com Deus-Amor de um modo imediatamente mediado; isto é, da união divinizante ou amorizante, na matriz que é Cristo Jesus, com o Criador. Ela é o resultado ordinário da livre comunicação do Espírito Santo ao coração simplificado do sujeito; quer dizer, ao coração que superou o seu assentimento mais ou menos voluntário ao ego-centrismo, estando portanto disponível para ir além das leis características do que é consequencial<sup>75</sup>. É, finalmente, uma moção que surge com um princípio

<sup>73</sup> GOUVERNAIRE, Jean – Un discernement plus subtil. *Vie Chrétienne: Supplément*, 339 (1990) 18.

<sup>74</sup> RUIZ JURADO, Manuel – *El Discernimiento Espiritual*, p. 246.

<sup>75</sup> GARCÍA DE CASTRO, José – Dios, dador y don: la consolación sin causa precedente. *Manresa*, 75 (2003) 42ss.

radicalmente livre que realiza o sujeito na liberdade. Desta forma, não é de admirar que seja a mais autêntica consolação e, por conseguinte, a própria raiz, e o núcleo mais radical da dinâmica, de todo o processo de discernimento espiritual inaciano<sup>76</sup>.

Em oposição à consolação com causa, cuja autenticidade deve ser bem discernida, a CSCP é uma moção que o sujeito não confunde com outros estados espirituais. O que lhe dá a garantia de tal consolação é, precisamente, o seu carácter sem uma causa que tenha precedido, cronologicamente falando, a consolação; isto é, o facto de que ela – ocorrendo sem que a inteligência ou a vontade do sujeito (ou, então, a memória atuada por aquelas duas faculdades ativas) sejam solicitadas por este – não provém de nenhum objeto, sentimento, inclinação ou afetos anteriores a ela.

Se é assim, até podemos supor que há atos intelectivos e volitivos que podem ocorrer depois de a CSCP ser experienciada pelo sujeito, porque, na realidade, a mesma não é “sem causa” em sentido absoluto, mas “sem causa *precedente*”, em que o último termo é apenas uma qualificação temporária que denota que ela é, como já mencionámos, uma ação de Deus que comunica amor [EE. 330]<sup>77</sup>. Não há, portanto, nenhuma causa mediada entre o sujeito e a experiência do amor do Amor, havendo, no entanto, uma causa inicial e final que é o próprio Deus. Assim sendo, ela é uma experiência direta e simples da gratuidade incondicional do amor divino, que evoca uma resposta do sujeito na mesmíssima linha: a do amor gratuito e incondicional. Eis a razão de se poder afirmar que a CSCP é o resultado da mais diáfana doação divina e, por conseguinte, da comunicação do Dom por excelência: o Espírito Santo Consolador que Se nos dá de modo desbordante<sup>78</sup>.

Assim sendo, no caso da CSCP, o que podemos chamar de “discernimento” passa pela identificação do carácter autoevidente e autoautenticador da experiência. Além disso, embora nela não possa haver erro, é necessário ter cuidado no período que lhe sucede e no qual o sujeito ainda se sente muito comovido pela vivência anterior. Isto é precisamente o que Inácio de Loyola refere no número 336 dos seus *Exercícios Espirituais*, no qual, mais uma vez, se detém na consideração da maneira correta de usar a liberdade quando se experimenta a CSCP. Na verdade, este é um momento muito vulnerável a

<sup>76</sup> GARCÍA DE CASTRO, José – Dios, dador y don, 38s; RUPNIK, Marko – *El Discernimiento*, p. 198-201; SALIN, Dominique – Libertad, in *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*, vol. 2, p. 1126-1133.

<sup>77</sup> GARCÍA DE CASTRO, José – Dios, dador y don, 47s.

<sup>78</sup> ARZUBIALDE, S. – *Ejercicios Espirituales: Historia y Análisis*, p. 712-719; GARCÍA DE CASTRO, José – Dios, dador y don, 47-50; RUIZ JURADO, Manuel – *El Discernimiento Espiritual*, p. 246ss.

tentações, no qual os pensamentos, os sentimentos e as reações podem ser influenciados por distintas realidades estranhas a Deus.

Em consequência daquilo que acabou de ser mencionado, deve ser feito um esforço real para se discernir a linha divisória que separa, de um lado, a peculiar passividade da experiência característica da CSCP e, do outro, tudo aquilo que, podendo advir daquela, tem uma natureza diferente. As inspirações que Deus comunica são realistas, razoáveis e viáveis; aquelas que surgem ao sujeito no período pós-CSCP supõem, não raras vezes e fruto da vulnerabilidade antes referida, capacidades que o crente não possui, logo não suscitando liberdade, mas escravidão<sup>79</sup>. Seja como for, as inspirações e resoluções que são feitas no pós-CSCP devem ser discernidas através do mesmo protocolo sugerido para as consolações com causa [EE. 332-335].

Como verificamos, os dois tipos de consolação verdadeira estão intimamente conectados: à CSCP sucede um período no qual as regras para o discernimento da consolação com causa devem ser aplicadas [EE. 336]; por sua vez, esta só é perfeitamente autenticada pela presença infalível e imediata do Espírito Santo no coração [EE. 335]. Em coerência com estas constatações, ambas as formas de consolação autêntica devem ser articuladas no processo mais global do discernimento espiritual, na medida em que, através do genuíno círculo virtuoso antes descrito, o sujeito é, cada vez mais, colocado em contacto com o centro do seu ser, no qual, como dom divino que é, ocorre a verificação das moções espirituais<sup>80</sup>.

## A eleição

Estamos a aproximar-nos do fim deste estudo acerca do discernimento inaciano enquanto *pondus* fundamental para se compreender o pontificado de Francisco. Para o concluirmos, devemos falar agora da pedra angular de todo o referido processo: a eleição. De facto, a sua aplicabilidade é, neste contexto, quase universal, na medida em que está presente desde a resolução original de adesão a uma forma de vida até à melhoria da conduta do sujeito dentro da opção de uma tal forma de vida já assumida de modo permanente.

Um dos primeiros esclarecimentos que devemos fazer, tendo em consideração o que foi aduzido no parágrafo anterior, é deixar claro que a eleição não é uma simples decisão: esta é levada a cabo, geralmente, com o entendimento

<sup>79</sup> GOUVERNAIRE, Jean – Un discernement plus subtil, 36ss.

<sup>80</sup> RUIZ JURADO, Manuel – *El Discernimiento Espiritual*, p. 248-251; RUPNIK, Marko – *El Discernimiento*, p. 201s.

e aquela está, essencialmente, localizada na vontade, isto é, na faculdade que-rente e, assim, amante. Na verdade, a realização da eleição pressupõe sempre que a decisão já foi tomada: quando o sujeito adere e assume a decisão, ele converte a mesma numa eleição<sup>81</sup>. Uma segunda clarificação que requer ser feita é que a eleição não se reporta a um momento episódico, antes possui uma abertura temporal que abrange um conjunto de escolhas periódicas que o sujeito deve fazer para, tendo em consideração a implementação do Reino, seguir a Cristo de uma forma mais eficaz. Um ulterior esclarecimento é que o verdadeiro Autor original da eleição não é senão Deus, pois, se assim não fosse, o sujeito não a co(m)construía com aquele, mas fabricava-a ou inventava-a<sup>82</sup>.

Inácio de Loyola menciona, nos seus *Exercícios Espirituais*, três ocasiões nas quais um sujeito pode fazer uma boa escolha. Inácio denomina-as mediante o termo “tempo” e usa este vocábulo para descrever uma situação na qual o sujeito possui uma determinada experiência interna que é apropriada para fazer um grande compromisso de amor ante a presença ativa e transformadora de Deus.

Pois bem, como propedêutica para a eleição, a “indiferença”, que nada tem a ver com o “nada” de Juan de la Cruz<sup>83</sup>, é uma condição *sine qua non*, pois é essencial a vivência efetiva e conjunta da liberdade, da generosidade e da disponibilidade. É justamente na indiferença que culmina o caminho que, por um lado, se “iniciou” no momento do reconhecimento de Quem é Deus e de quem é, e deve ser, o sujeito na sua relação com Este, e, por outro lado, se “finalizou” na configuração com aquele modo concreto de ser e de agir de Jesus Cristo que iria levá-lo à Cruz. Deste modo, antes de se orientar para uma dada concretização peculiar, o sujeito deve deixar-se unir a Cristo na Sua atitude vital de livre obediência amorosa, e assim crucificada à vontade do Pai, típica, pelo menos, de quem não quer mais riqueza do que pobreza; honra do que desonra; vida longa do que breve<sup>84</sup>.

Como podemos vislumbrar, o sujeito somente deve fazer uma eleição quando está profundamente identificado com o objeto dela e, ao mesmo tempo, está apto a tomar decisões consistentes com a verdade que descobriu acerca de, e para, si. Para o sujeito, o sinal claro de que se encontra nesta

<sup>81</sup> BERTRAND, Dominique – L'objectivité de Dieu: sur quoi faire élection, *Christus*, 124 (1984) 151-164.

<sup>82</sup> SAMPAIO COSTA, Alfredo – Elección, in *Dic. Esp. Igna.*, vol. 1, p. 726-734.

<sup>83</sup> VEALE, Joseph – Ignatian Prayer or Jesuit Spirituality. *The Way: Supplement*, 27 (1976) 12.

<sup>84</sup> EMONET, Pierre – Indiferencia, in *Dic. Esp. Igna.*, vol. 2, 1015-1021; NANTAIS, David E. – 'Whatever!' is not Ignatian Indifference. *Studies in the Spirituality of Jesuits*, 36:3 (2004) 2-38; VILLEGAS HERNANDEZ, Juan C. – El sonido del silencio. Camino a la contemplación e indiferencia ignaciana. *Apuntes ignacianos*, 57 (2009) 52-65.

situação antes descrita é a percepção real da vivência de uma maior liberdade em união com Cristo genuinamente pobre e humilde, porquanto encarnação pessoal do Deus-Amor. Pressupondo-se isto, e a experiência de um período de paz espiritual, o sujeito estará qualificado para levar a cabo uma eleição de acordo com uma das três circunstâncias em que a mesma pode ser bem realizada e que, como já mencionámos, Inácio denomina de “tempos”<sup>85</sup>.

O “primeiro tempo” – que, sendo muitíssimo pouco frequente, não deve ser a base para nenhuma formulação teológica da eleição e da vocação pessoal – ocorre quando o sujeito é chamado de tal forma a uma realidade espiritual que já não tem senão que eleger o que Deus eleger (e manifestou de forma inequívoca que o fez) para si, e que, note-se bem, se manifesta como a Sua eleição não objetivável para o mesmo. Na verdade, neste “tempo” Deus comunica a Sua vontade ao sujeito de uma forma tão direta e tão óbvia, que este não consegue sequer duvidar do caminho que deve seguir para viver no “cumprimento de onda” divino do melhor e mais belo amor. De alguma forma, este “primeiro tempo” não é realmente um discernimento espiritual, senão na medida em que o sujeito deve, juntamente com o seu acompanhante espiritual, aferir a veracidade de tal comunicação divina.

O “segundo tempo” é mais comum e ocorre quando as inspirações e os movimentos espirituais internos são suficientemente intensos para que, com um mínimo de esforço intelectual, a vontade do sujeito se dirija para a co(m)construção do “onde” e do “como” poderá servir mais generosamente a Deus. Em algumas ocasiões, essa experiência decorrente da alternância de “desolações” e de “consolações” pode ser tão poderosa, que, na prática e de certa forma, se assemelha ao “primeiro tempo” de eleição; mas, na maioria das vezes, a vontade deve ser posta em ação para a correta adesão ao caminho que, com Deus e para Este, o sujeito cria. Como vemos, e veremos, este é o único “tempo” no qual o sujeito pode basear a sua escolha nas iluminações espirituais recebidas durante os seus precedentes esforços espirituais.

Por fim, o “terceiro modo” é, provavelmente, o mais comum e, pelas razões que vimos nos pontos anteriores deste estudo, talvez seja a forma mais segura de se fazer uma eleição. De uma maneira consistente com a sua contínua preocupação prática, Inácio de Loyola aponta, nos seus *Exercícios Espirituais*, para dois métodos ou modos de realização de uma eleição segundo o, ou quando no, “terceiro tempo”. Apresentaremos isto mesmo já a continuação

<sup>85</sup> Aqui e daqui em diante: DEMOUSTIER, Adrien – Les trois temps de l'élection. *Cahiers de Spiritualité Ignatienne*, 53 (1990) 42-45; SAMPAIO COSTA, Alfredo – *Los tiempos de elección en los directorios de los Ejercicios* (todo); VIARD, Claude – Trois temps pour choisir. *Christus*, 124 (1991) 165-176.

e em dois blocos, com os quais, antes de umas breves palavras conclusivas, terminaremos a exposição da temática central deste trabalho.

- 1) O primeiro método possui seis etapas, começando com uma reflexão mental e terminando com um pedido, feito pelo sujeito a Deus, de luz e de força para a consumação de uma boa escolha. Inicialmente, o crente deve ponderar o objeto da sua escolha para, depois – e recuperando a sua precedente tomada de consciência de quem é, de quem Deus é, e de qual deve ser a mais ajustada relação entre si e Este –, focar a sua atenção, através de uma ação da vontade que deve ser o resultado das reflexões espirituais anteriores, na meta do desígnio divino para a sua criação. Pondo-se num estado de indiferença, o sujeito deve, então, entrar em oração e ponderar os elementos positivos e negativos de dadas possibilidades, de modo a, posteriormente, poder pesar – baseado na fé verdadeira e na razão batizada e não em nenhuma inclinação egoísta que degenera em “cunhas”, “favorecimentos” e “trocas de favores” – os motivos que possui para uma dada decisão prospetiva. E isto de modo a favorecer aquela opção que lhe surge como suscetível de outorgar uma melhor adesão amorosa a Deus. Neste momento, após a decisão, o sujeito deve, sempre em oração, eleger o que decidiu e entregar-se à providência divina como sustentáculo de que a sua eleição é, de facto, a mais conforme com a vontade de Deus.
- 2) O segundo modo do “terceiro tempo” é mais breve e aborda a questão a partir de uma outra perspectiva. Antes de se decidir sobre uma determinada questão, o sujeito deve examinar se os seus afetos por certas pessoas, lugares ou linhas de ação estão apenas, e tão-só, orientadas para a vontade de Deus<sup>86</sup>. Tão importante é esta condição, que o processo não deve continuar até que o crente tenha a certeza dessa realidade. De seguida, o sujeito deve imaginar estar na posição de dar um conselho imparcial a outra pessoa, a si estranha, que estivesse numa situação análoga à sua, assumindo, mais tarde, que tal conselho deveria ser considerado, por si, como aquele que ele mesmo deveria escolher. Outra “regra”, análoga à apresentada na frase anterior, é a de o sujeito se imaginar no momento da sua morte e refletir sobre qual a decisão que gostaria de ter tomado. Finalmente, e numa orientação semelhante à precedente, Inácio sugere que o

<sup>86</sup> MEURES, Franz – La dimensión afectiva en el discernir y decidir. *Revista de Espiritualidad Ignaciana*, 117 (2008) 62-80.

crente se imagine no dia do Julgamento Final, pensando sobre qual deveria ter sido a sua opção. Enfim, depois de ter chegado a uma decisão, e escolhido o que fora por si decidido, a eleição deve ser oferecida pelo sujeito a Deus, pedindo a Este que a confirme através da Sua graça, confiando que, da mesma forma, Ele comunicará a Sua luz e a Sua força amorosa para que o crente consiga viver, de modo coerente, com a eleição que fez.

## Conclusão

Querer compreender e avaliar Francisco desconhecendo os elementos genéricos que foram expostos neste estudo é, geralmente, fazer como aquela pessoa que, ao colocar o pé no laço de uma armadilha, inevitavelmente acabará por ser erguida a uma boa altura e, agitando-se violentamente, deixará patente, a todos os que a virem, a sua inépcia. Dito isto, também é verdade que não se deve pensar que, se alguém conhecer a fundo o que é o discernimento iniciano – algo que, evidentemente, não será logrado apenas com este nosso estudo essencialmente introdutório –, o mesmo poderá passar a ser um vidente a traçar, com a régua e o compasso do determinismo materialista (que o próprio estudo da matéria tem vindo a desacreditar), o que Francisco fará (a não ser que esse alguém não se importe de se autodesacreditar como um qualquer falso profeta especialista em predições *ex eventu*). De modo algum.

Contudo, muitos dos erros de apreciação e de explicação a respeito do atual Bispo de Roma (ao tempo em que escrevemos estas palavras – fins de outubro de 2018) poderão, se se quiser investir na verdade nestes dias de pós-verdade, ser evitados. Isso seria um grande serviço que, sendo pelo menos assumido e realizado por jornalistas e comentadores católicos, se faria à verdade, à sociedade e à própria Igreja. De facto, não temos a mínima dúvida de que, ainda que em muito moldado por outras realidades pessoais e institucionais que nós mesmos nem sequer imaginamos existirem, se há uma linha condutora do atual pontificado, essa linha é a firme vontade de Francisco viver em fidelidade ao modo de ponderar a realidade espiritual que Inácio de Loyola compendiou nos seus *Exercícios Espirituais*.

## Bibliografía

### Fontes

INÁCIO DE LOYOLA – *Exercícios Espirituais*. 3.<sup>a</sup> ed. Braga: Apostolado da Imprensa, 1999.

——— *Autobiografía*. 5.<sup>a</sup> ed. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 1996.

### Estudios

AA.VV. – Discernement des esprits, in *DSp*. 3, 1222-1291.

ARZUBIALDE, Santiago – *Ejercicios Espirituales: Historia y Análisis*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 1991.

AUFAUVRE, Brigitte-Violaine – Désolation spirituelle et/ou dépression. *Christus*, 197 (2003) 27-36.

BERNARD, Charles André – *Teología Espiritual: hacia la plenitud de la vida en el Espíritu*. Salamanca: Sígueme, 2008.

BERTRAND, Dominique – J'appelle consolation. *Christus*, 107 (1980) 335-348.

——— L'objectivité de Dieu: sur quoi faire *élection*, *Christus*, 124 (1984) 151-164.

BRIEN, Ludger – La consolation spirituelle, indication de l'Esprit. *Cahiers de Spiritualité Ignatienne*, 17 (1981) 52-60.

CASTIÑEIRA, Àngel – *La experiencia de Dios en la Postmodernidad*. Madrid: PPC, 1992.

CLANCY, Thomas H. – Feeling bad about feeling good. *Studies of the Spirituality of the Jesuits*, 11 (1979) 1-29.

CORELLA, Jesús – Dinámica del deseo y de las afecciones desordenadas. *Manresa*, 66 (1994) 147-160.

——— Consolación, in *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*, vol. 1. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, 413-424.

CUSSON, Gilles – Pour mieux situer le discernement spirituel. *Cahiers de Spiritualité Ignatienne*, 67 (1993) 211-216.

DEMOUSTIER, Adrien – *Le Dynamisme consolateur*. Paris: Média Sèvres, 1989.

——— Les trois temps de l'élection. *Cahiers de Spiritualité Ignatienne*, 53 (1990) 42-45.

——— Introduction aux règles du discernement. *Cahiers de Spiritualité Ignatienne*, 54 (1990) 89-91.

EMONET, Pierre – Indiferencia, in *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*, vol. 2. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, 1015-1021.

FERRO, Giuseppe dal – Spiritualità del post-moderno. *Quaderni di Studi Ecumenici*, 1 (2000) 7-16.

FUTREL, John Carrol – *El discernimiento espiritual*. Santander: Sal Terrae, 1984.

GARCÍA DE CASTRO, José – *El Dios emergente: sobre la "consolación sin causa"*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2001.

- Dios, dador y don: la consolación sin causa precedente. *Manresa*, 75 (2003) 37-50.
- La mística de Ignacio: cultura y costumbre. *Manresa*, 76 (2004) 333-353.
- Moción, in *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*, vol. 2. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, 1265-1268.
- La estructura interna del discernimiento. *Manresa*, 80 (2008) 125-140.
- GARCÍA DOMÍNGUEZ, Luís María – Desolación, depresión y tristezas ambivalentes. *Manresa*, 297 (2003) 359-375.
- GOVERNAIRE, Jean – Un discernement plus subtil. *Vie Chrétienne: Supplément*, 339 (1990) 1-48.
- GUILLÉN, Antonio – El valor pedagógico de la desolación. *Manresa*, 297 (2003) 345-357.
- Desolación, in *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*, vol. 1. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 575-580.
- 'Quien quiere imitar en el uso de sus sentidos a Christo nuestro Señor...' [EE. 248]: sentido y sensibilidad en los *Ejercicios*. *Manresa*, 80 (2008) 47-60.
- HIRSCHFELD, Carlos G. – Las reglas de discreción de primera semana, II. *Manresa*, 61 (1989) 17-30.
- LEWIS, Jacques – La spiritualité du discernement. *Cahiers de Spiritualité Ignatienne*, 64 (1992) 219-236.
- LONSDALE, David – *Ignace, maître spirituel*. Paris: Desclée de Brouwer; Bellarmin, 1991.
- MARDONES MARTÍNEZ, José María – *¿Adónde va la religión?: cristianismo y religiosidad en nuestro tiempo*. Santander: Sal Terrae, 1996.
- MARTÍN VELASCO, Juan – *Ser cristiano en una cultura posmoderna*. Madrid: PPC, 1996.
- MELLONI RIBAS, Javier – Los Ejercicios como experiencia mística. *Manresa*, 76 (2004) 355-369.
- Mistagogía, in *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*, vol. 2. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 1247-1250.
- MENDIBOURE, Bernard – Sens de la désolation spirituelle selon saint Ignace. *Christus*, 138 (1988) 227-240.
- MEURES, Franz – La dimensión afectiva en el discernir y decidir. *Revista de Espiritualidad Ignaciana*, 117 (2008) 62-80.
- MURPHY, Laurence – Consolation. *The Way: Supplement*, 27 (1976) 35-47.
- NANTAIS, David E. – 'Whatever!' is not Ignatian Indifference. *Studies in the Spirituality of Jesuits*, 36:3 (2004) 1-38.
- RAMBLA BLANCH, Josep María – Bondad y ambigüedad del deseo. *Manresa*, 66, (1994) 161-164.
- RAHNER, Karl – Espiritualidad antigua y actual, in IDEM – *Escritos de Teología*, vol. 7. Madrid: Taurus, 1967, p. 13-35.

- Apertura hacia el Dios cada vez Mayor, in IDEM – *Escritos de Teología*, vol. 7. Madrid: Taurus, 1967, p. 36-58.
- No apaguéis al Espíritu, in IDEM – *Escritos de Teología*, vol. 7. Madrid: Taurus, 1967, p. 84-99.
- RUIZ JURADO, Manuel – *El Discernimiento Espiritual: teología, historia, práctica*. Madrid: BAC, 1995.
- RUPNIK, Marko – *El Discernimiento*. Madrid: PPC, 2002.
- *Dans le feu du buisson ardent: initiation à la vie spirituelle*. Paris: Fidélité, 2004.
- SALIBA, John A. – *Christian Responses to the New Age Movement: a Critical Assessment*. London: Geoffrey Chapman, 1999.
- SALIN, Dominique – Libertad, in *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*, vol. 2. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 1126-1133.
- SAMPAIO COSTA, Alfredo – *Los tiempos de elección en los directorios de los Ejercicios*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2004.
- Elección, in *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*, vol. 1. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 726-734.
- THOMAS, Joseph – Ignace, pèlerin de Dieu. *Vie Chrétienne: Supplément*, 298 (1986) 16-22.
- VEALE, Joseph – Ignatian Prayer or Jesuit Spirituality. *The Way: Supplement*, 27 (1976) 3-14.
- VIARD, Claude – Trois temps pour choisir. *Christus*, 124 (1991) 165-176.
- VILLEGAS HERNANDEZ, Juan C. – El sonido del silencio. Camino a la contemplación e indiferencia ignaciana. *Apuntes ignacianos*, 57 (2009) 52-65.
- ZAS FRIZ, Rossano – Espiritualidad Ignaciana, in *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*, vol. 1. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007, p. 811-820.